

# No velório, força até para transmitir palavras de consolo

BRASILIA — A capacidade de controle emocional demonstrada por D. Risoleta durante todo o período de visita pública ao corpo de Tancredo Neves, no salão nobre do Palácio do Planalto, na noite de segunda para terça-feira, causou admiração a todos os que estiveram próximos ao local do qual a família assistia àquela manifestação popular.

— É incrível. Parece uma mulher de ferro — disse um dos amigos da família, depois de apresentar seus pêsames. Pouco antes, ao receber a manifestação de pêsames de uma jornalista, às 21h30m, D. Risoleta

havia dito:

— O importante, minha filha, é que o povo está reconhecendo o esforço dele.

E durante todo o tempo, além de consolar permanentemente o filho Tancredo Augusto — o que mais demonstrava abatimento em público — D. Risoleta evitou chorar, embora seus olhos, sob os óculos claros, mostrassem olheiras profundas e uma tristeza infinita.

Quando não podia conter as lágrimas, D. Risoleta recolhia-se à sala que vinha sendo ocupada por Tancredo Augusto como Assessor Especial da Presidência. Com isso, ela conse-

guia recuperar-se e evitar que o ambiente do velório se tornasse mais emotivo do que estava.

Na primeira vez em que veio sentar-se junto à família no salão nobre, às 21h15m, reuniu a todos e, dirigindo-se principalmente aos que estavam de pé, entre eles o neto Aécio, recomendou

— Não fiquem muito tempo de pé para não se cansarem. Procurem descansar porque a visita vai durar a noite toda e ainda temos o amanhã.

A demonstração principal de que ela mantinha absoluto con-

trole em público surgiria logo depois, às 21h45m, de segunda-feira, quando a família desceu do "mezzanino" para uma rampa circular para realizar uma operação que foi frequentemente repetida: abrir o caixão para secar o vidro que cobria o corpo. A umidade das flores e a baixa temperatura externa da câmara ardente provocavam a condensação do ar dentro do caixão e o vidro embaçava, prejudicando a visão clara do rosto de Tancredo.

Quando se aproximava do caixão para abri-lo, D. Risoleta amparou uma mulher, que, ao

ver o rosto de Tancredo, teve uma crise de choro. Durante alguns segundos D. Risoleta manteve-a nos braços e sussurrou-lhe uma frase de consolo. A mulher se refez e deixou o local.

Depois de abrir o caixão, D. Risoleta manteve o controle. Não chorou. Abaixou o rosto sobre o corpo e afagou o rosto de Tancredo. Em seguida, subiu a rampa com a mesma dignidade e, depois de permanecer alguns minutos consolando o filho Tancredo Augusto, recolheu-se à sala próxima para refazer as forças.